

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2004

1

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 1
Setúbal 2004**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**

Ficha Técnica

Edição

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

Direcção

Victor Borrego (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Canova Moutinho
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redactorial

Antónia Coelho-Soares
Fátima Contramestre de Almeida
Fernanda do Vale
Germesindo Silva
João Carlos Faria
Luís Ferreira
Maria Graça da Silveira Filipe
Maria Rosa Peralta Sousa Silva
Maria Teresa Rosendo
Miguel Correia
Teresa Rosa Gomes da Cruz Silva

Secretariado e correspondência



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Av. Luisa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678
Email - maeds@mail.telepac.pt

Capa

Fotografia inédita, de autor desconhecido, propriedade do MAEDS.
Cais da Torre do Outão, com hiato de Setúbal, 1908.

Execução gráfica

Ana Paula Covas
António Caetano de Campos Ramos
Jan van Krimpen

Impressão e acabamento

Impripal Artes Gráficas, Lda. - www.imprupal.com

Depósito Legal n.º

221991/05

ISSN

1646-0553

Tiragem

1400 exemplares

Nota de Abertura

É com inegável prazer que anuncio a publicação da revista *MUSA*, em atenção ao seu valor intrínseco, enquanto repositório de importantes artigos, originais, sobre o património cultural do Distrito de Setúbal, aqui abordado na dupla vertente da investigação e da divulgação.

Igualmente importante é o valor simbólico da *MUSA*, uma vez que revela a capacidade do Poder Autárquico da região em encontrar consensos e pontes de diálogo, ao serviço da cooperação supramunicipal.

De facto, é crescente a consciencialização colectiva sobre a necessidade de reforçar a acção intermunicipal nos domínios da cultura, do ambiente, da educação, da saúde, do turismo. Precisamente nesta lógica, se enquadra o papel da Assembleia Distrital de Setúbal e nesse âmbito a edição da presente publicação.

A revista *MUSA* é, em grande parte, suportada pelo funcionamento do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, o qual configura a primeira rede de museus de carácter regional a surgir no país e cujo exemplo espero que frutifique.

A presente publicação constitui um desafio ousado, pelo esforço e dedicação que pressupõe e congregou o entusiasmo de muitos especialistas nas questões da cultura e do património, que em boa hora elegeram o Distrito de Setúbal como campo de estudo; para eles vão as minhas saudações e agradecimento.

Desejo, igualmente, agradecer os apoios que alguns parceiros institucionais e sócio-económicos disponibilizaram para esta iniciativa e, finalmente, fazer votos para que a *MUSA* vá ao encontro dos interesses da Comunidade Distrital e a possa também inspirar.

O Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal

Victor Borrego

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal – FIDS

Integrado por:

- + Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal
- + Museu Municipal de Alcácer do Sal/Câmara Municipal de Alcácer do Sal
- + Museu Municipal de Alcochete/Câmara Municipal de Alcochete
- + Museus Municipais de Almada/Câmara Municipal de Almada
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal do Barreiro
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal de Grândola
- + Departamento de Acção Sociocultural/Câmara Municipal da Moita
- + Museu Municipal de Montijo/Câmara Municipal de Montijo
- + Museu Municipal de Palmela/Câmara Municipal de Palmela
- + Museu Municipal de Santiago do Cacém/Câmara Municipal de Santiago do Cacém
- + Ecomuseu Municipal do Seixal/Câmara Municipal do Seixal
- + Museu Municipal de Sesimbra/Câmara Municipal de Sesimbra
- + Museus Municipais de Setúbal/Câmara Municipal de Setúbal
- + Museu Municipal de Sines/Câmara Municipal de Sines

Patrocínios

Administração do Porto de Sines



Fundação para a Ciência e Tecnologia



Região de Turismo de Setúbal - Costa Azul



A revista *MUSA* surge, essencialmente, em resultado da dinâmica do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, plataforma de debate das questões do património, abordadas a partir dos museus. Sem regulamentos prévios, deixando que a realidade concreta se espelhe na acção e oriente o rumo do FIDS, constrói-se o percurso, caminhando. Não se procura a homogeneidade, antes se aposta na diversidade, na diferença, na crítica. As vozes críticas obrigam à reflexão, mas supõem também firmes princípios de cooperação e solidariedade. Com base nas muito diversas posturas sócio-ideológicas, foi possível avançar com o presente projecto editorial de forma inclusiva, com a participação de todos os concelhos do Distrito de Setúbal, e este é o aspecto que mais valorizamos, porque mostra a capacidade que a região possui para se associar em torno de projectos de interesse comum, e particularmente de vocação cultural.

Este volume possui, evidentemente, um carácter experimental; o próximo será provavelmente melhor estruturado. Tentou-se conciliar o inconciliável, ou talvez não, quando se assumiu a publicação de originais de carácter científico, resultantes de projectos de investigação, e de textos de divulgação, acessíveis a um grande público. O propósito de servir esse vasto público interessado nas áreas do património, museologia e arqueologia, na dupla perspectiva da divulgação e da produção de novos conhecimentos, confere à revista um interesse duradouro.

A *MUSA* encontra-se organizada em várias secções, fisicamente delimitadas no corpo da revista, para melhor orientação dos leitores; a sua temática centra-se nas diversas modalidades do património cultural (procurou-se, aliás, reunir textos reveladores dessa abrangência); mostra-se aberta à colaboração de especialistas nos domínios atrás referidos; a sua geografia, de partida ou de chegada, deverá ser o Distrito de Setúbal; a base autárquica em que a revista assenta não pode, no entanto, ser confundida com autarcia e o campo geográfico de incidência da revista deve ser entendido de forma flexível; textos teóricos, sem um suporte territorial determinado, terão o melhor acolhimento.

Parece-nos razoável apostar em uma periodicidade anual. Os prazos de entrega de textos e de revisão de provas terão de ser objecto de calendarização; as normas de publicação são disponibilizadas desde já, no final deste volume. Da periodicidade da revista resulta que a agenda cultural, conforme a tínhamos pensado no início deste processo, poderá não cumprir, integralmente, os seus objectivos de informação atempada; terá pois de sofrer apreciáveis melhoramentos, destinando-se sobretudo a anunciar realizações programadas com muita antecedência e/ou à produção de reflexões e opiniões sobre eventos culturais ocorridos ou não no Distrito.

A Coordenadora Editorial

Joaquina Soares

Índice

Museus	9
Mário Canova Moutinho <i>Os Compromissos dos Museus com a Sociedade</i>	11
António Nabais <i>Museu-oficina de Artes Manuel Cargaleiro. Quinta da Fidalga (Seixal)</i>	15
João Carlos Faria <i>Alcácer do Sal: páginas de história, a história de um museu</i>	19
Elsa Afonso e Paula Costa <i>Museu Municipal de Alcochete. Um museu em desenvolvimento</i>	23
Ângela Luzia e Maria Rosa Silva <i>Almada - apontamentos para a história de uma cidade</i>	28
Germesindo Silva <i>Museu Mineiro do Lousal. Espaço de encontro e cultura</i>	40
Maria Teresa Rosendo <i>O Museu Municipal de Palmela apresenta-se</i>	44
Graça Filipe <i>Antecedentes da criação de um museu no concelho do Seixal. Das ideias e acções anteriores a 1974, à emergência de um projecto cultural e do museu municipal</i>	51
Luís Jorge Rodrigues Gonçalves <i>Museu Municipal de Sesimbra. Programa de desenvolvimento</i>	61
Antónia Coelho Soares <i>Um projecto museológico para Sines</i>	67
Joaquina Soares <i>Museu/Museus. Operacionalizar funções</i>	75

Arqueologia	81
Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares <i>Intervenção arqueológica no sítio neolítico de Brejo Redondo (Sines)</i>	83
Antónia Coelho Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Novas oficinas de produção de preparados piscícolas na área urbana de Sines. Intervenção arqueológica na Rua Ramos da Costa</i>	111
Eurico Sepúlveda <i>Os Murrii. Oleiros tardo-itálicos</i>	123
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Susana Duarte <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87</i>	137
Outros Patrimónios	153
T.M. Azevêdo, M. Abreu e A.M. Galopim de Carvalho <i>Uma vez mais a Pedra Furada</i>	155
Vitor Serrão <i>O mestre do retábulo da Igreja da Misericórdia de Almada (1590): O pintor Giraldo de Prado</i>	161
Vanessa de Almeida <i>Mausoléu de Alfredo da Silva</i>	176
Marisol Aires Ferreira <i>Património construído da aldeia de Melides</i>	181
Teresa Rosa Silva <i>Os recursos da Borda d'Água no contexto sócio-económico do Tejo</i>	186
Fátima Contramestre de Almeida <i>Contributo para um Guia do Arquivo Histórico Municipal de Montijo</i>	193
José Matias <i>Património molinológico do concelho de Santiago do Cacém</i>	200

Recensões, Publicações e Informações	213
Mário Varela Gomes <i>“Mais um escalpe no meu cinto”. A propósito de “Os Hipogeus Pré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico”, de Joaquina Soares</i>	215
Susana Duarte <i>Ler Arqueologia e Património na biblioteca do MAEDS. Títulos inventariados em 2003</i>	219
Câmara Municipal de Alcácer do Sal	229
Câmara Municipal de Alcochete	230
Câmara Municipal de Almada	231
Câmara Municipal do Barreiro	233
Câmara Municipal de Grândola	235
Câmara Municipal da Moita	237
Câmara Municipal de Montijo	239
Câmara Municipal de Palmela	241
Câmara Municipal de Santiago do Cacém	244
Câmara Municipal do Seixal	245
Câmara Municipal de Sesimbra	249
Câmara Municipal de Setúbal	251
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal	253

Alcácer do Sal: páginas de história, a história de um museu

JOÃO CARLOS FARIA*

RESUMO

O presente artigo retrata sob a forma de síntese, todos os passos dados desde 1993, altura da grande intervenção arqueológica levada a efeito no Castelo de Alcácer do Sal, para adaptação do mesmo a Pousada da ENATUR e que culminaram com a criação de um espaço museológico novo e adaptado às novas realidades.

Este espaço que será gerido pela Autarquia local, contará a história do sítio desde a Pré e Proto-História, passando pelo período romano e muçulmano, até à época conventual.

HISTÓRIA

Em Novembro de 1993 deu-se início à grande intervenção arqueológica na área de implantação do Convento de Nossa Senhora de Aracoelli, localizado no Castelo de Alcácer do Sal, na sequência de uma decisão da Secretaria de Estado do Comércio e Turismo de adaptar este edifício a Pousada da Enatur.

Para que se tornasse possível levar a bom termo todas as tarefas relacionadas com a intervenção arqueológica desencadeada então, foi necessário o empenho de todas as entidades envolvidas no processo, nomeadamente da Direcção Regional de Évora do então Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, bem como da Câmara Municipal de Alcácer do Sal e da própria Enatur – Empresa Nacional de Turismo, a qual se traduziu nomeadamente na atribuição dos meios materiais e humanos necessários, implicando sucessivos reajustamentos no projecto de adaptação então proposto.

A desmontagem de significativo número de estruturas arquitectónicas referenciadas durante as es-

ABSTRACT

In 1993, after the construction of the Pousada in the castle of Alcácer do Sal an archaeological rescue excavation was performed. This paper concerns the archaeological work and the process of building a new and modern space for a museum in the Pousada.

This museum on site will be administrated by the local authorities, and will be dedicated to the long term history of the space which the castle occupies: Prehistory, the Iron age, the Roman and Muslim periods, the monastic era.

cavações arqueológicas realizadas na área da cerca do Convento, até onde, segundo o projecto de arquitectura, viria a erguer-se parte da futura Pousada e o aparecimento de um santuário localizado imediatamente a nascente das ruínas daquele edifício religioso fez surgir a ideia de criação no local de um espaço museológico. Tal permitiria garantir a preservação e valorização não só do recinto sagrado recentemente referenciado como das construções das épocas Muçulmanas, Romanas e da Idade do Ferro que entretanto viriam a ser encontradas durante o prosseguimento das pesquisas.

A circunstância de, no decurso dos trabalhos realizados, sob as arcarias laterais do mesmo claustro, terem aparecido novos e importantes achados de natureza imobiliária, da Idade do Ferro, viria a confirmar a excepcional importância desta zona do claustro como repositório de significativos testemunhos de carácter religioso.

A ideia da criação nesta área de um espaço museológico foi bem aceite pela Enatur que se disponibilizou a cooperar na construção das respectivas in-

* Mestre em Arqueologia. Conservador de Museus da Câmara Municipal de Alcácer do Sal.



Fig. 1 - Entrada do Museu. Foto de Manuel Mário Perna (M.M.P.).

fra-estruturas, contribuindo assim para a valorização da Pousada a qual passou a dispor de um núcleo museológico ímpar.

A criação deste espaço museológico cuja entrada é independente da da Pousada, constitui uma mostra genuína do processo de ocupação humana do local, de manifesto interesse, não só para o especialista como para o leigo que encontra aí não só um salão de exposições idêntico a tantos outros mas um testemunho real do devir histórico a que a presença dos materiais exumados no local proporcionará um valor acrescido.

O museu em referência disporá de uma área de serviço, de um percurso subterrâneo, meios audiovisuais e de uma vasta área de exposição no subsolo do claustro onde permanecerão *in situ* as estruturas arquitectónicas mais significativas que integram igualmente o já citado santuário romano o qual se encontra actualmente por debaixo de um dos restaurantes da Pousada.

Ora, parece normal que havendo a Enatur assumido a construção das infra-estruturas, caberá à Câmara Municipal de Alcácer do Sal a gestão deste mesmo espaço, como entidade directamente interessada na valorização histórica, cultural e turística daqueles testemunhos, não invalidando a contribuição do pró-

prio Instituto Português do Património Arquitectónico.

A autarquia de Alcácer do Sal pretende assim participar na concepção e gestão deste museu de sítio do castelo de Alcácer do Sal¹.

Na medida em que este núcleo museológico virá a ter aproximadamente uma área equivalente a 700 m², preveremos mostrar aí o espólio arqueológico encontrado durante a intervenção no Convento de Aracoelli e respectiva "cerca", bem como algum material arqueológico actualmente exposto no Museu Municipal Pedro Nunes, sito na Igreja do Espírito Santo, procedente da área do castelo.

Esta medida acarretará, necessariamente, a transformação ou se quisermos a reconversão destas instalações, pretendendo a Autarquia aqui construir um segundo núcleo museológico. Teremos assim, uma unidade central constituída pelo Museu Arqueológico subjacente à Pousada do Castelo de Alcácer do Sal e uma unidade periférica constituída pela Igreja do Espírito Santo, na qual se pretende manter a actual exposição, que conta, no essencial, a história do nosso concelho desde a Pré-História à Idade Média.

ESTRUTURAS / MUSEALIZAÇÃO

As estruturas mais significativas situadas no citado espaço museológico abrangem a totalidade do outrora claustro do convento de Aracoelli e parte da antiga cerca do convento, constituindo um importante testemunho da grande ocupação humana que Alcácer do Sal sofreu ao longo dos tempos.

Assim, em níveis atribuíveis à Idade do Ferro (sécs. IV-III a. C.), denota-se já um certo urbanismo, bem patente nas casas de planta rectangular, de três ou mais divisões, com alicerces de pedra, maioritariamente calcário da região de Alcácer, ligado por

1 - Conforme protocolo assinado entre a Câmara Municipal de Alcácer do Sal e o IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico) em 21/11/2002.

terra argilosa de tom castanho ou esverdeado e com paredes de adobes. Os pavimentos são de terra batida, de cor amarelo-acastanhado ou avermelhados. A cobertura destas casas seria de colmo assente em barrotes de madeira.

Do Período Muçulmano, as intervenções arqueológicas levadas a efeito, nesta área do castelo de Alcácer do Sal, colocaram a descoberto todo um conjunto ímpar de elementos estruturantes do tecido urbano da Alcácer Medieval, desde o Emirato ao Período Moderno.

Podemos referir, a título de exemplo, os vários compartimentos islâmicos, alguns dos quais caiados, formados por pedras intercaladas por fiadas de tijolos dispostos em viés e os silos das Épocas Islâmica e Medieval Cristã, para armazenamento e conservação de alimentos.

A ocupação romana deste sítio está bem patente, não só nos restos de uma calçada com conduta no seu centro, a qual dava acesso ao *forum*, mas também nalgumas habitações, de que se conservam duas com níveis arqueológicos romanos ainda *in situ*.

Mas, foi a descoberta de um santuário, só revelado porque nele se encontrou uma “*tabella defixionis*”, que fez surgir, pelo seu ineditismo, a ideia da criação deste espaço museológico subterrâneo.

De planta rectangular, com uma área de 120 m² (12,50 m de comprimento por 9,50 m de largura), o edifício é formado por duas *cellae* ligadas entre si por dois corredores, um dos quais rampeado, de largura variando entre os 0,80 m e os 0,95 m e cujo pavimento em *opus signinum* apresenta meia cana lateral.

Na *cella* maior, de planta rectangular (7,80 m x 5,80 m), pavimentado a *lateres* romanos reaproveitados, foram abertos, durante a ocupação muçulmana, cinco silos que continham materiais cerâmicos da fase almóada. A abertura de dois deles danificou consideravelmente a parede sul do santuário. O único vestígio porventura pertencente ao período romano aqui detectado é um alicerce, de planta quadrangular e cerca de 1 m², que se encontra ao centro, que poderia, eventualmente, fazer parte de um altar.



Fig. 2 - Estruturas habitacionais na área do antigo claustro. Foto de M.M.P.

Pelos corredores, tem-se acesso à outra *cella*, também ela de planta rectangular (3,80 m x 2,60 m), com entrada e respectiva soleira. Os *lateres* rectangulares que inicialmente a pavimentaram terão sido substituídos, ainda ao tempo dos Romanos, por fragmentos de *imbrices* assentes simplesmente por cima da terra. Apresenta esta *cella* um tanque de planta quadrangular, de *lateres* argamassados, com 1,50 m de lado e 0,75 m de profundidade, muito provavelmente destinado aos sacrifícios, mas que continha, no momento da escavação, bastantes pedaços de escória de ferro, juntamente com cerâmicas comuns que têm sido atribuídas ao séc. XIV. Não é, portanto, de excluir a hipótese de aqui ter funcionado uma ferraria, hipótese confirmável igualmente pela presença de *lateres* com claros vestígios de queimaduras internas provocadas pelo fogo depois da cozedura. Foi na base deste tanque e juntamente com uma moeda de cobre dificilmente classificável, devido ao seu péssimo estado de conservação, que se encontrou a *tabella defixionis*. À entrada da *cella*, do lado direito, existe um espaço constituído por *lateres* não argamassados, formando compartimentos de dimensões reduzidas (0,60 m x 0,20 m), muito provavelmente destinados a receber ofertas votivas, porquanto daí se exumaram pratos e tigelas de cerâmica comum dispostos por cima uns dos outros, um conjunto considerável de lucernas de vários tipos, uma taça de cerâmica com pé e três figurinhas em terracota, duas delas apre-

sentando barretes frígios. Durante as crivagens, recolheram-se alguns numismas, neste momento ainda em fase de tratamento laboratorial.

Na área do santuário ainda se podem ver duas construções, ambas de planta rectangular, que delimitam os dois corredores tantas vezes referidos. Trata-se de estruturas da Idade do Ferro, reaproveitadas pelos Romanos e, mais tarde, no período muçulmano. Tomando em consideração que um dos corredores apresenta vestígios de, pelo menos, três degraus, é de crer que estas habitações da Idade do Ferro possam ter constituído a base ou alicerce de uma plataforma, certamente de madeira, que no interior do santuário existiria.

Na realidade, o santuário foi construído aproveitando estruturas habitacionais da Idade do Ferro, preexistentes. É por este motivo que os muros são de pedra calcária miocénica da região de Alcácer, notando-se, de quando em vez, a presença de xisto e brecha da serra da Arrábida. Todos estes elementos foram ligados por argila de tom acastanhado ou esverdeado. Somente no coroamento das estruturas, da Época Romana, se usou argamassa de cal.

É de crer, pois, que o lugar já era sagrado em plena Idade do Ferro (sécs. IV-III a. C.), conforme documenta o achado, a poente do santuário romano e imediatamente junto à parede deste, de dezoito figuras de bronze representando simples orantes, guerreiros, cavalos, cabras ou touros.

A entrada no santuário romano, embora não visível, far-se-ia certamente pela banda norte, onde se tinha acesso através de uma calçada desse período.

Sofrendo intensa ocupação humana posterior à sua construção, a estratigrafia do período romano obtida no interior do santuário é quase nula, consti-



Fig. 3 - Aspecto do Santuário Romano. Foto de M.M.P.

tuindo excepção o depósito votivo praticamente intacto, cujos materiais – em fase de tratamento laboratorial – ajudarão certamente na atribuição de uma cronologia mais fina.

No actual momento, cientes da extraordinária importância que estes achados constituem para a história local da velha *Salacia Imperatoria* o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e a autarquia de Alcácer têm colaborado entre si no processo de musealização da designada «Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer» subjacente à Pousada D. Afonso II.

Liderado, por parte do IPPAR, pelo Arquitecto Manuel Lacerda, o projecto de musealização, neste momento em curso, está a cargo da empresa CANON (Centro de Estudos e Projectos, Lda.) e conta em termos científicos com a colaboração dos arqueólogos António Cavaleiro Paixão (IPPAR Lisboa/Período da Idade do Ferro), João Carlos Faria (C.M. de Alcácer do Sal/Período Romano), António Rafael Carvalho (Período Muçulmano/Medieval Cristão e Moderno) e Marisol Aires Ferreira (Período Conventual).